

# **RESUMOS E ATIVIDADES PROPOSTAS**

# 1.

## PRIMEIRO VEIO O NOME, DEPOIS UMA TERRA CHAMADA BRASIL

Quem foram os ameríndios que povoaram o Brasil quando ele ainda não se chamava assim? Por outro lado, quem foram os tripulantes da frota de nove naus e três caravelas que nos “descobriram” em 1500? O primeiro capítulo do livro aborda essas duas questões fundamentais sobre a gênese colonial do país.

Cinco séculos atrás, a região atlântica do Brasil era dominada pelos povos Tupi-Guarani. Nos sertões desconhecidos de floresta, caatinga e cerrado, habitavam os Tapuia — nome pejorativo dado pelos índios da costa aos provenientes do interior, e adotado pelos portugueses. Tupi ou Tapuia, a invasão europeia foi uma catástrofe de terríveis proporções aos nativos da Terra de Santa Cruz. Os contatos amigáveis iniciais entre brancos e índios logo se converteram em guerras de ocupação e resistência. Coletores, caçadores e agricultores, não raro antropófagos, os povos indígenas foram obrigados a abandonar suas crenças e costumes milenares e a trabalhar como escravos, tudo ao alcance da colonização. As únicas alternativas eram a morte ou a fuga para o sertão. Começava o genocídio que reduziu os vários milhões de índios da era pré-cabralina aos atuais 800 mil, por fome, doenças e extermínios físicos e culturais diversos.

Quando aportaram por estas bandas, os portugueses protagonistas dessa história de conquista violenta viviam em outros tempos e praticavam uma ciência diferente. Embora a náutica lusitana fosse a mais avançada no seu



1.1. “América”,  
gravura colorida à mão  
reproduzida no Grande  
Atlas de Johannes Blaeu,  
1662.\*

contexto, ainda se acreditava na existência de monstros marinhos e seres mitológicos como as amazonas e os centauros. Os colonizadores oficiais eram súditos fiéis a serviço da glória do rei e católicos que obedeciam ao papa: fidalgos, navegadores e exploradores profissionais, padres e comerciantes (muitos dos quais judeus e cristãos-novos). Mas também condenados, fugiti-

\* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

vos, perseguidos e aventureiros de várias extrações para cá foram exilados ou vieram tentar uma vida melhor. As visões desses primeiros europeus sobre a Terra de Santa Cruz, sua natureza e suas gentes se alternavam entre o fascínio e o horror, o paraíso e o inferno. Os nomes também se alteraram: Terra de Santa Cruz, em homenagem à primeira missa realizada no local, era o termo selecionado pela Igreja; já Brasil — que vinha da rica madeira com seiva vermelha, além de se associar ao diabo — era o preferido dos comerciantes. Ganhou, ao menos nessa circunstância, o nome do mercado.

Nas primeiras décadas do século XVI, a empresa colonial na América do Sul, subcontinente partilhado com a Coroa espanhola através do Tratado de Tordesilhas (1494), ainda não recebia muita atenção do Estado português — mais interessado nos lucros fáceis do comércio oriental de especiarias. Portugal se dedicava nestas paragens sobretudo à extração costeira de pau-brasil, madeira de extrato corante que originou seu nome definitivo ao futuro país. No âmbito administrativo, em 1534, a porção lusa da América do Sul foi dividida em capitânicas hereditárias vagamente demarcadas a partir do litoral e concedidas a membros da nobreza, que ficaram responsáveis por sua exploração econômica em regime de monopólio.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Com base na leitura do início do subcapítulo “Das vicissitudes de um mundo novo, novo” (pp. 21-33), proponha aos alunos as seguintes atividades de caráter transdisciplinar:
  - a. Considerando a atualidade, pesquisar de que modo as nações mais ricas conseguem se expandir economicamente. Em seguida, fazer uma comparação entre os processos atuais de expansão do comércio internacional e aqueles realizados por Portugal no século XVI;
  - b. A partir da leitura e da pesquisa, discutir em grupo a seguinte questão: o Brasil teria condições de se expandir comercialmente no atual cenário econômico internacional?;
  - c. Para concluir a discussão, elaborar, em dupla, um texto dissertativo com o título “O Brasil sofre de um ‘mal de Sísifo’?”.
2. Realize a leitura compartilhada e comentada do subcapítulo “Paraíso ou inferno: a natureza e os naturais nos relatos seiscentistas” (pp. 33-40) e analise, com os alunos, as imagens a seguir (imagens 8, 10 e 11 do livro). Depois, proponha a realização de uma exposição artística sobre os povos indígenas do Brasil contemporâneo, que tenha como tema central o combate ao preconceito contra os índios. Para isso, os alunos precisam se dividir em grupos. Na preparação da exposição, cada grupo deve obedecer aos seguintes passos:



1.2. Imagem do *Novo Mundo*, xilogravura aquarelada à mão de Johann Froschauer, c. 1505, publicada em *Mundus Novus*, de Américo Vespúcio.



1.3. Gravura retirada do livro *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, publicado por Andres Colben, Marburgo, 1557.



1.4. *Mulheres e crianças da tribo tomam mingau feito com as tripas do prisioneiro sacrificado*, Théodore de Bry, 1592.

- a. Pesquisar uma etnia indígena na atualidade;
- b. Elaborar um trabalho artístico (técnica livre) que represente dois aspectos previamente discutidos com os(as) professores(as) de história e sociologia:
  - o preconceito a partir da visão negativa dos europeus no encontro com os indígenas no século XVI;

- a visão que os povos indígenas têm de si mesmos na atualidade, a partir da pesquisa realizada.
  - c. Transmitir, no trabalho artístico elaborado, uma mensagem de combate ao preconceito contra os indígenas.
3. Solicite aos alunos a produção de um artigo de opinião em que reflitam sobre as várias maneiras como os povos indígenas nativos do Brasil foram dizimados durante o século XVI e as condições de vida das populações indígenas nos dias de hoje. Para embasar a atividade, os alunos devem:
- a. Ler o subcapítulo “Uma parcela da humanidade a ser catequizada ou escravizada” (pp. 40-3) e analisar a imagem 1.1. (imagem 13 do livro);
  - b. Ouvir e analisar a canção “Promessas do sol”, de Fernando Brant e Milton Nascimento;
  - c. Pesquisar o conceito de etnocídio.

Os textos produzidos deverão ser lidos nas diversas turmas e expostos nos corredores da escola.

4. Solicite aos alunos, distribuídos em grupos, uma pesquisa sobre os antropólogos citados na parte “Muito antes de Cabral” (pp. 43-9), cujo trabalho foi realizado com os povos indígenas sul-americanos. Cada grupo deverá pesquisar a obra de um deles:
- a. Curt Nimuendajú;
  - b. Claude Lévi-Strauss;
  - c. Eduardo Viveiros de Castro;
  - d. Philippe Descola;
  - e. Davi Kopenawa e Bruce Albert.

Em seguida, forme uma roda para apresentação das pesquisas pelos grupos e proponha uma discussão sobre a contribuição da antropologia para a compreensão do que é ser índio.

5. Solicite aos alunos a leitura do excerto abaixo (pp. 47-8):

Os bandeirantes ficaram tão conhecidos na historiografia nacional que sua imagem, devidamente alterada, seria usada pelos paulistas, no começo do século XX, como um símbolo do “espírito aventureiro e intrépido da região”. Seriam exaltadas, então, só suas benesses, e eles, descritos como destemidos exploradores do “perigoso sertão” e de suas riquezas minerais. Já a violência inerente à atividade, bem como a empresa de aprisionamento de indígenas, permaneceria esquecida. O fato é que o círculo vicioso montado nos idos dos séculos XVI e XVII era dos mais perversos: a escassez de mão de obra nativa levava à intensificação e interiorização de expedições, que

faziam novos escravos e expunham as populações indígenas a grande mortandade, por conta tanto das armas como das epidemias.

Em seguida, peça a eles que realizem as seguintes atividades:

- a. Pesquisar quem foram os principais bandeirantes e apresentar os dados biográficos de cada um deles;
- b. Descobrir se na cidade e/ou no estado onde moram há ruas, avenidas e monumentos que homenageiam esses personagens históricos;
- c. Verificar em que momento histórico essas homenagens foram feitas e se houve menção à violência contra os indígenas.

## LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

1.1. A descoberta do Novo Mundo de fato inundou o imaginário europeu, dividido entre o éden e o inferno. Como os nativos americanos não legaram registros impressos, as representações a que temos acesso são europeias, pautadas por convenções ocidentais. Lugar para a projeção alheia, a América concentrou estereótipos de indígenas decaídos, mas também edenizados, e tendeu a misturar tudo: alegorias clássicas, animais fantásticos e indígenas escravizados.

1.2. A América pré-cabralina era habitada por uma enorme variedade de grupos indígenas, que se distinguiam sobretudo pelos troncos linguísticos e por suas culturas. Mas os europeus transformaram o diferente em “falta”. Exemplo disso foram as representações visuais da época. Num momento em que era melhor “ouvir dizer do que ver”, vingou a imaginação, com os índios apresentados como guerreiros e bárbaros devoradores de humanos. Ao fundo, naves portuguesas vêm trazendo a “civilização” europeia.

1.3. Durante dez longos meses, Hans Staden permaneceu como refém numa aldeia tupinambá. Lá, dedicou-se a não ser comido e a compreender o significado cultural dos rituais antropofágicos. A ilustração destaca a bravura dos prisioneiros que tanto impressionou o viajante. Antes de ser morto, o corajoso guerreiro, digno de ser devorado, insultava seus algozes e gritava que seria vingado pelos membros de sua tribo. Esse era o princípio da antropofagia, que, mais que um costume alimentar, constituía uma prática ritual de troca entre iguais.

1.4. Théodore de Bry — um ourives, gravurista e propagandista huguenote que jamais pisou na América — transformou-se no mais famoso gravurista de sua época. Especializado em retratar, com muita imaginação, os costumes das terras distantes, ilustrou o volume escrito por Jean de Léry sobre o Brasil. Porém, diferentemente do viajante, destacou o canibalismo das populações dessas terras figurando mulheres gulosas, a lamber os dedos. Representou-as como as bruxas da convenção pictórica ocidental — por vezes velhas de peitos caídos, por vezes moças luxuriosas que lideravam o ritual. A imagem lembra um banquete, mas as analogias vinculavam a prática ao inferno.